



ETNOBOTÁNICA DA SEXUALIDADE

Carlos C. Varela desvenda-nos o mundo da aplicación sexual das plantas na Galiza tradicional, algunhas das quais permitíron ás mulleres conservarem unha relativa autonomía no tocante à gestión dos seus corpos e prazeres. Da erva de namorar ao pam-queijo, pasando pola erva de namorar.

CRIAÇOM

Roi Vidal é dramaturgo, director e crítico teatral. Também lle dá à lírica, como escritor e como membro do grupo musical Ataque Escampe, com que vem de fazer doze anos de troula. Neste mês, atreve-se com o relato para deitar unha olhada diferente sobre a prisión.

CINEMA

O clima de celebración dominante no chamado de “Novo Cinema Galego” é analizado criticamente por Iván García Ambrúñeiras, quem coloca o acento na falta de diversidade no que diz respeito aos puntos de vista e na falta de narrativas sobre a crise ou na presenza fantasmal do urbano nos filmes galegos

TEMPOS MODERNOS

Lembrança de dous galegos de Barakaldo

C.C.V.

Conta Dionísio Pereira que nas eleccións de 19 de novembro de 1953 varios pistoleiros da dereita espanholista entráron num bar de Barakaldo e assassináron um militante de Açom Nacionalista Basca (ANB). Era Hermenigildo Alvarinho, galego migrado ao País Basco com apenas sete aninhos. ANB, em tanto que laica e de esquerdas, opunha-se no campo nacionalista ao PNB. Seguramente por esse carácter popular e obreiro atraiu os migrantes galegos. Ainda, quando as forçás soberanistas da Galiza, País Basco e Catalunha assinam o Pacto de Gernika – precedente de Galeuzka –, pola ANB assinará o galego Sabim Seixo. As relacións com o galeguismo eram boas e, só umhas semanas antes do assassinato de Calvino, Valentim Paz-Andrade visitou o país convidado pola ANB e deu unha conferencia sobre a situación da Galiza, “um país que sofre um verdadeiro bloqueio económico”. Num discurso, que já apontava às teses anticolonialistas da pós-guerra, Paz-Andrade denunciava que “o regime



Batalhom Amalur do ‘Eusko Gudarostea’ (Exército basco da II República) em que participáron membros de ANB

tributário fai com que a hectare de terra agrícola em Castela grave a 5 pesetas, e na Galiza a 71”. Numha denúncia do espólio fiscal, na qual aprofundará Bóveda, critica no País Basco que em 1930 enquanto a Galiza achegou ao Estado 132 millóns de pesetas, recebeu apenas 124, e isso que foi um ano de investimentos extraordinários – e militaristas, acrescentamos nós: base naval de Ferrol, guarniçoms da Corunha, Ponte Vedra, Vigo.... Concluía que “o caciquismo é um produto de colonialismo e pode definir-se com palabras de Harriot como um subproduto de tipo específico colonial”.

O nosso outro galego de Barakaldo é Luís Vázquez Mosteiro,

nascido em Melide, e cuja história lembra Euskal Memoria. Pai de dez filhos e peom industrial até ficar no desemprego. Entom continua a luita pola sobrevivência, pedindo esmola no subterrâneo da estação do caminho-de-ferro da localidade biscainha, e vendendo restos de cobre e sucata que encontrava como podia. No 4 de feverei-

ro de 1982 o guarda jurado Miguel Benito Cruz, recentemente nomeado cabo de segurança da empresa General Eléctrica Española de Galindo, mata-o dum tiro. Como escrevem em Euskal Memoria, “disparar contra um desempregado que trata de sobreviver roubando sucata é um crime político de primeira ordem”, por muito que nom apareça em nengunha listagem de “vítimas do terrorismo” nem tivesse funeral de Estado. Quando o juiz de paz de Trapagaran se apresentou para levantar o cadáver, encontrou-lhe a caderneta do desemprego e um letreiro com o seguinte texto escrito em espanhol: “Sou obreiro sem trabalho, desempregado. Companheiros e companheiras, tenho dez filhos. Necesito ajuda de todos. Obrigado”.

Por sua parte, o veterano partido ANB, que luitou contra o franquismo e muitos dos seus militantes continuam em fossas comuns, foi ilegalizado há uns anos pola Audiência Nacional espanhola.

Vaiam estas linhas em lembrança destes dous galegos assassinados em Barakaldo pola barbárie.



EM TEMPOS

ETNOBOTÂNICA GALEGA DA SEXUALIDADE

Carlos C. Varela

“Se a casada soubera
a virtude que tem a ruda
já a colhia, já a plantava,
anque fora pola Lua”

Nas despensas das perdedoras, manhosas e parteiras galegas, longe do controlo do Estado e da Igreja, armazenáram-se durante séculos os saberes do corpo. Plantas para usos mágicos ou farmacológicos – hipocráticos às vezes – que permitiram às mulheres, em situações mui difíceis e precárias, conservarem umha certa autonomia sobre os seus corpos e prazeres. Estas som dezassete – mais um fungo – das mais habituais em relação com a sexualidade e a reprodução.

Anis (Pimpinella anisum): Aumenta a secreção de leite, e tanto nas Pontes como em Barreiros empregavam-na para regular o mês-truo e calmar as suas moléstias. O FIUNCHO (*Foeniculum vulgare*), com que às vezes se confunde, era utilizado com as mesmas intenções.

Casamelos (Senecio vulgaris): O seu extrato fluido calma as dores menstruais. Ácido lisérgico também é chamado de grao do corvo, caruncho, cornelho, corniçó, corno, cornocelho, dente de cam, cravagem do centeio... Na pós-guerra, a rapaziada apanhava-o para lho vender às farmacéuticas, e podia-se mercar nas feiras. Como abortivo, nas Pontes botavam umha colherada numha cunca de água, que ferviam durante meia hora. Durante o parto, como expulsivo e dilatador, em Ponte d'Eume, Monfero e Betanços coziam nove graos numha cunca de café; e em Riba d'Ávia três graos num litro de água. Como se vê, as proporções variam muito, e o seu mau uso tem provocado mortes por hemorragias e rutura uterina. Depois do parto, tomava-se para aliviar dores.

Culantrilho (Adiantum capillus-veneris): Usou-se em chá, pola zona de Padrom, para facilitar as menstruações dolorosas.

Erva-Luísa (Lippia triphylla): É umha das mais empregadas, tanto contra a amenorreia como contra as dores menstruais, de parto e pós-parto.

Erva de namorar (Armeira



maritima): Este caravel marinho, como todos os caravéis, é um símbolo do amor. Na Corunha e Compostela, tomava-se em chá como remédio mágico contra a esterilidade, tendo que ser apanhada a erva no Santo André de Teixido. Na sua passagem por esta aldeia, durante a sua viagem de 1754-1755, o Padre Martinho Sarmento anotou que a esta planta “llaman los picarones herba emprenadeyra”.

Erva do Santo Antom (Epilobium hirsutum): A cocção de folhas e flores é boa para os transtornos menstruais. O Santo Antom de Lisboa era na Galiza tradicional o preferido por moços e moças para os assuntos eróticos, chegando a chantageá-lo com todo tipo de suplicios, como atar-lhe umha corda na entreperna até que cumprisse a petição. No cancionero popular aparece inumeráveis vezes. Ora respondendo-lhe às moças que lhe solicitam companheiro, “Rapazas,

Longe do controlo do Estado e da Igreja, armazenáram-se durante séculos os saberes do corpo. Plantas que permitiram às mulheres conservarem autonomia sobre os seus corpos

tede paciência; / se vos picam as formigas / darei-vos mais penitência”; ora como metáfora do pénis: “Se me dás a Santa Rita / que tés debaixo da falda / hei-che dar meu Sam Antom / todo cerrado das barbas”, ou “Se me dás o chirlo-mirlo / que tés por baixo da saia / hei-che dar o Sam António / da cabechina pelada”.

Hedra (Hedera hibernia): Provoca o fluxo menstrual. Em Ordes era empregada em infusom como abortiva.

Macela romana (Chamaeme-

lum nobile): Útil nas mulheres que dam o peito para a lavagem dos mamilos com gretas.

Malva (Malva sylvestris): Empregava-se externamente para a vaginite. As parteiras de Chantada aplicavam-na no ventre da parturiente para a dilatação.

Mentastro (Mentha rotundifolia): Contra a amenorreia e as moléstias menstruais. Dioscórides atribui-lhe “virtude genital”, e receita a aplicação local antes do coito como espermicida.

Lámio (Lamium maculatum): Boa para cortar hemorragias uterinas.

Pam-queijo (Capsella bursa-pastoris): Usa-se por via interna, polas suas propriedades anti-hemorragias, para os transtornos da menstruação.

Pinheiro (Pinus pinaster): O botom do pinheiro recolhia-se em Traço como excitante, recomendado especialmente para curar a impotência sexual dos homens.

Pirigel ou salsa (Petroselinum

hortense): Contém apiol, princípio ativo útil para reestabelecer ou regular a menstruação e calmar as suas dores, pois insensibiliza os nervos uterinos. Combate também a atonia uterina. Dioscórides di que também tem efeitos diuréticos além de provocar a menstruação. Nas Pontes usavam-na, como abundante condimento, contra a amenorreia, mas o uso mais habitual era o abortivo, introduzindo o talo por via intravaginal. Em Guitiriz, servia de espermicida, colocando-o no colo do útero.

Ruda (Ruta graveolens): Outra das plantas mais habituais na medicina popular. Como emenagoga, provoca e aumenta a menstruação, polo que serve de abortiva; ainda, provoca a ação dos músculos uterinos. Com este fim aplicava-se em Frades em pedilúbios como sal.

A ruda é umha das plantas mais habituais na medicina tradicional. Como emenagoga, aumenta a menstruação, servindo de erva abortiva e provoca a atividade dos músculos uterinos

Como ajuda no parto tinha muitos modos de aplicação: cataplasmas, fricções, lubrificação vaginal... Para tudo isso, preparava-se de muitas maneiras, em fritura com manteiga de vaca, cozida, crua com azeite, com pirigel ou rosmaninho, e mesmo em tortilha. Em Melide, as parturientes podiam permanecer dias com o ventre coberto de azeite e ruda; havia vezes que as mulheres que assistiam ao parto nom se atreviam a retirá-la, pois dava má sorte. Dioscórides dá-lhe também um uso masculino, pois além de abortiva a ruda diminui a produção de sêmen. O botânico Hieronymus Bock recomendava-lha aos monges por causa das suas virtudes afrodisíacas. Quiçá por isso a sua presença é registada nos mosteiros de Usseira e Meira desde há centos de anos.

Solda de monte (Potentilla erecta): A cocção do rizoma é um potente adstringente para a vaginite.



A FOTO

Charo Lopes

Pelejaremos até expulsarmos o último tentáculo do Estado espanhol e a última gadoupa da igreja católica da nossa pele. Tirade as vossas sujas maos do nosso corpo. Beberedes o sangue dos nossos abortos, imbéceis e escuros. Nom haverá trégua. As mulheres resistimos. E somos todas bruxas, todas. O feminismo ataca.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Neste mês, o escritor e músico Roi Vidal oferece-nos umha olhada diferente sobre a prisom.



Fuga em si menor

por Roi Vidal

1

Maos e miradas e palavras difíceis de pronunciar que interpreto como os indícios de que algo sucede. Algo diferente. A maioria das vezes, ao rematar os ensaios, recolhem as suas cousas (mudam a roupa ligeira polos jeans nicotinados, fam um rabo de cavalo com o elástico do pulso, enchem a mochila até que rebenta o fecho de correr) e voltam para o seu módulo como quem marcha da casa ao remate do Natal. Para eles, vir aqui é como sair fora. Umha viagem no tempo. Umha transmutaçom. E isso vicia.

Mas para ele, vir aqui, ensaiar, meter-se na pele de personagens que outra pessoa inventou, aprender ao resto do grupo as técnicas que foi conhecendo ao longo de todos estes anos de presídio (os exercícios para atores e nom atores de Augusto Boal, os truques respiratórios para se relaxar e projetar bem a voz, a importância do super-objetivo de cada personagem, a proxémica e as linhas que formam as miradas no cenário) é umha droga que fora nom vai poder roubar.

Hoje a sua mao direita apertava as outras com determinaçom. A sua mirada ia direta aos olhos e nom se deixava perder, como outras vezes, para a queda dum ombro ou o começo dum decote. As suas palavras diziam cousas que nom se costumam escutar aqui dentro.

Gosto de estar aqui. Quem me dera poder ficar mais outro ano. Quem me dera nom ter que vos deixar. Quem me dera poder voltar algumha vez.

2

A palavra “claustro” vem do latim claudere, com o significado de “fechar”. Um claustro é um pátio quadrangular que tem nos seus quatro lados umha galeria porticada com arcadas ou arcarias que descansam em colunas ou colunas duplas. Os

claustros acostumam estar edificados depois dumha das naves laterais dumha catedral ou da igreja dum mosteiro. Cada galeria toma o nome de “panda” e em cada “panda” distribuem-se os distintos espaços necessários para a vida monacal ou catedralícia. Acostuma ser lugar de recolhimento. O pátio está quase sempre ajardinado e no centro encontra-se umha fonte ou um poço.

(recolhido da Galipédia: <http://gl.wikipedia.org/wiki/Claustro>)

3

O pátio nom tem mais jardim que as duas grandes aloé veras que flanqueiam as portas do pavilhom dos ateliês de terapia ocupacional. Há, isso sim, um depósito de água; desses que soltam um jatinho curvo. Mentres bebo, com os olhos fechados, nom sou quem de evitar unha ferverça de imagens. A coroa do rei Hamlet pousada aos pés da minha cama. Os olhos de Bea quando fai de Ofélia. As maos da professora a aplaudir.

Umha náusea fai-me cuspir a água que acabo de beber. Quero chegar ao quarto de banho mas nom dou guardado o vômito e tenho que trousar no meio do pátio. Já me tem passado mais vezes. De pequeno, quando meus pais me obrigárom a ir a um acampamento de verao. Estás nervoso polo do acampamento, explicou-me minha nai. Despedir-me-ei deles com dor. A burocracia é absurda. A lei que me meteu aqui contra a minha própria vontade é a mesma que nom me deixa ficar. Seriam só unha semanas, até o dia da estreia. Estreamos e marchos, prometo-o, digem-lhes. Algum funcionário vai ter que limpar toda esta merda.



LÍNGUA NACIONAL

Língua nacional

Valentim R. Fagim

Um dos artigos do nosso periódico, o *NOVAS*, que me ficou a habitar a cabeça é da autoria de Toni Lodeiro. O tema era a gestão do tempo e a nossa pobreza na moeda-tempo. Adorei sobretudo como se despedia a indicar que, para ser coerente com o texto precedente, anunciava ser aquele o seu último artigo na seção que ele criara e que continua mas com outros articulistas: Consumir menos, viver melhor.

Língua nacional começou em maio de 2006. Tinham que ser peças de 1.400 caracteres. Para quem

estava habituado a debruçar-se sobre a língua usando várias páginas era sentir-se como esses artistas que se dobram até caber numa caixa de sapatos. Tudo bem desde que não se mida 1,93. Os leitores e leitoras dirão se me contorcei certinho.

Revedo as colunas publicadas, por aí umas 90, reparo que, afinal, nem martelei em tantos pregos; sempre há uns focos temáticos que nos tornam satélites. Tentei evitar, na medida do possível, a equação forma/correção. Gera tantos adeptos como suscetibilidade e, a meu ver, não deixa de ser um eco. Preferia debruçar-me precisamente sobre os ecoadores. Pa-



ra já, a língua como uso: que implica ser uma língua? Funciona a língua da Galiza como língua na Galiza? Chega com dizer: o galego é uma língua para o ser realmente? Parece que não.

Ligado ou derivado destas perguntas, surgia outro cravo onde bater, a identidade: quem fala a nossa língua? É apenas nossa ou é compartilhada? Que temos a ganhar com a segunda vivência, a de

uma língua internacional? Na Galiza há duas estratégias para a língua, uma ignora a língua oficial de oito países, as suas gentes e as suas produções, a outra fai-nos seus. Que temos a ganhar com ignorar? Creio que nada. Quem ganha? Quase ninguém.

Para além de forma, usos e identidade, temas comuns quando se fala de língua no país, uma marca da casa, atitudes e discursos. Só tenha duas certezas na vida, uma é que vou morrer, a outra que a melhor estratégia para a nossa língua na Galiza é a luso-brasileira-angolana. Ora, o cemitério está cheio, para além de cadáveres, de boas ideias. Temos que saber comunicar e manter uma relação laica com a língua. E muita empatia. Só assim os muros tornam janelas.

CINEMA

De celebrações, crítica e cinema galego

Iván García Ambrúñeiras

Nos últimos tempos vive-se um evidente clima de celebração no âmbito do cinema menos comercial do Estado Espanhol, isso que se vem chamando desde alguns lugares o "Outro Cinema Espanhol" (e que resulta difícil de definir, já que nele confluem as novas formas do documentário com o cinema experimental e outras mais próximas a uma reforma da narração, por utilizar uma fórmula que vem de velho). Mais perto, no que numa estratégia semelhante à dos cinemas dos anos 60 se etiquetou como "Novo Cinema Galego", esse clima de festejo vê-se se calhar aumentado pelo inédito da situação que estamos a viver. Presença nos festivais mais importantes, reconhecimento internacional, e sobretudo o aparecimento de uma ampla nómina de cineastas possuidores de uma mirada própria, que conformam um grupo que (a diferença do que ocorreu com o fugaz movimento de vídeo dos 80) parece poder sustentar este esforço criador no tempo sem serem assimilados pelas diversas indústrias



do audiovisual.

Ante isto, a crítica parece ter-se contaminado deste clima festivo, e aparece algo assim como um consenso no que assomam raramente vozes divergentes. Os colegas do blogue *Acto de Primavera*, queixavam-se depois de deixar deserto o prémio ao melhor filme galego do ano de que a crítica estaria sendo negligente ao não acompanhar como de-

ve esta nova produção galega. Para mim as eivas que lhe vejo da crítica galega a respeito deste fenómeno são mais bem de signo contrário. Uma vez passado esse momento prosselitista (e sem dúvida necessário) em que a questão seria situar os filmes no mapa e fazer notar as suas qualidades, o que se acha em falta é uma diversidade de pontos de vista que choques nos filmes,

e que produzam uma leitura dialéctica dos mesmos. Ou o que é o mesmo, uma normalização da situação, fora das políticas de vanguarda (no sentido militar original do termo).

Porque assim como Alberte Pagán num texto recente fala da "mirada turista" que deita um filme como *Costa da Morte* (diagnóstico no que, com matizes, concordo bastante), há toda uma

série de questões pertinentes que até o momento aparecem eludidas até o momento na leitura que se faz do cinema galego contemporâneo. Assim, por exemplo e com exceções, a falta de narrativas sobre a crise e as políticas quotidianas (o "como vivemos" que se converteu em ponto central da renovação dos novos cinemas), ou a presença fantasmal que tem o imaginário urbano nos filmes galegos atuais, que muitas vezes tendem mais bem a situar-se em espaços míticos, numa certa identidade intemporal de raiz romântica. Mas também resulta interessante perguntar-se pela assimilação das estéticas que triunfam no circuito de festivais, e se os filmes são quem as artelhar para apreender a complexidade do real sem ficarem atrapadas numa fórmula de experimentada eficácia (penso que há exemplos de ambas as situações).

Estas perguntas e muitas outras reclamam a labor do crítico para tratar em profundidade e desde o dissenso o extraordinário momento fílmico atual, e não ser só um notário do fabuloso sucesso internacional do cinema galego e outras profecias autocumpridas.